

B.V.

LH-0101

A Vida de Emoções

Prologo

Conquanto se use da palavra amor, para significar qualquer emoção affectiva, passionnal ou instinctiva; não obstante isto, se derivamos essa mesma palavra para exprimir o affecto que nos vem pela intelligencia e consciência. Pergunta-se este o caracteristica do amor humano, sem o qual, elle se identificaria com a inclinação que o animal sente para com o animal. E se é este pur da material, da mas o nome de amor, é porque tambem elle tende á união, ainda que instinctiva e material. Não obstante isto, não intendemos, ~~testando~~ tratando das emoções de nossas almas, occupar-nos directamente deste amor; muito embora as suas tendências possam trazer a sua marca, na unidade da personalidade humana, principalmente quando nos referimos ao amor passional.

É por este motivo que usamos das expressões de amor instinctivo ou natural, de amor espirital ou angelica, de amor platónico ou morbi e de amor passionnal ou conjugal, afim de que, referindo-nos á estas variedades de affectos, não se confundam o amor humano, propriamente dito, com o falso, o instinctivo ou angelico.

Cap. I. Sobre a genesis do affecto.

A intelligencia tende primariamente ao verdadeiro, ao bom e ao perfeito absoluto; e, em segundo lugar, ao verdadeiro, ao bom e ao perfeito relativo; isto é, ás creaturas, por isso mesmo que ellas são como um reflexo do verdadeiro, do bom e do perfeito absoluto.

Ora, sendo o amor o primeiro acto da vontade, todos os movimentos produzidos pelo appetite intellectual, presuppõem necessariamente o amor, o qual é a raiz ou a causa desses movimentos, aos quaes damos o nome de amor; assim como, ás modificações organicas produzidas pelo appetite sensitivo, denominamos paixões; as quaes, pelo facto de se referirem ao homem, não as attribuímos somente á alma ou ao corpo; senão ao composto humano; isto é, ao homem.

Ora, assim como os movimentos da nossa alma, encontram os seus correlativos no physico; assim tambem as modificações organicas que se dão no nosso physico; isto é, - as paixões, encontram os seus correlativos em nossas almas.

Pelo que deduzimos que as paixões se referem ao amor, como ao seu principio, e o amor á alma, que é o primeiro principio da vida e actividade da sua humana e dos sentimentos que lhe vêm pela intelligencia; os quaes, movendo a vontade, a inclina

de preferencia, a este ou aquelle
objecto.

Assim é que, onde houver vontade,
há de haver necessariamente
amor; e onde houver amor, há de
manifestar-se, com o tempo, o amor
passional. Pois, assim como as
movimentos, de nossas almas, carate-
lizam o amor espiritual; assim
tambem as modificações, do nosso
physico, produzidas pelas paixões,
constituem; não já o amor
senão as paixões; isto é, os effei-
mentos do amor ou provenientes
do amor.

Pelo que, se o objecto que provoca
estes movimentos affectuosos, i.e.,
paix., por graça ou natureza, de
produzir estas modificações orga-
nicas, temos o amor sem paixão;
isto é, um amor semelhante aquelle
com o qual os anjos se amam,
e não amamos as nossas paixões.

O objecto do appetite sensitivo, é o composto humano; isto é, a alma e o corpo substancialmente unidos. É o objecto do appetite intellectual ou da vontade, é a alma humana.

Ora, as operações do appetite sensitivo, não podem ser exercidas sem uma modificação material dos órgãos correspondentes á ellas, ainda que a alma resida o principio, em virtude do qual, nos sentimos inclinados a este ou aquelle objecto.

Não acontece assim com relação á vontade, porque, ainda sem o concurso dos órgãos sensitivos, os actos que lhes correspondem, podem ser exercidos; porquanto a seu objecto reside na alma ou, por outra, é a mesma alma.

O appetite sensitivo se manifesta pelo concupiscivel e o irascivel. É em virtude do concupiscivel que affugamos o que nos é útil e agradável; e é devido ao irascivel, que reagimos e reagimos contra tudo aquillo que se oppõe ao nosso bem estar, á aquisição e conservação dos seus objectos correspondentes.

Todos estes actos que representam o objecto do appetite sensitivo, podem tambem formar, indirectamente, o objecto do appetite intellectual; com a differença, porém, que os actos do appetite sensitivo são exercidos com uma certa modificação dos órgãos correspondentes á estas modificações ou ensaços, as quaes com a acção da sensibilidade,

constituum os pairões.

Não se dá o mesmo com os actos que se referem ao appetite intellectual, porque produzem exercit-os sem o concurso dos órgãos sensitivos.

Os actos do appetite intellectual produzem-se exercidos com relação ao fim ou aos meios que nos propomos para atingil-o: No primario caso, elles tem por objecto o amor, o desejo e o gozo; no secundario, elles se referem á escolha e selecção dos meios.

Além disto é preciso termos em mente que, em todas as fins subordinados, está sempre comprehendido o fim ultimo ou primario, isto é, o que constitue o objecto da felicidade real e sobrenatural do homem.

Axim é que, quando o homem quer alguma coisa, elle procura implicitamente a sua felicidade pela posse do objecto, ao qual elle tende, porque supponi que a produzirá conseguir. Como acontece quando se buca nas eras, tinas devido a um engano ou a uma inclinação do momento.

Pelo que, o desejo ou o amor, não é outra coisa, senão um acto que resulta da conveniencia real ou apparente, entre o appetite sensitivo ou o intellectual, e o objecto que o desputa; o qual, segundo que é ou não consentaneo á natureza racional, produzirá ou não fazer feliz o homem.

Se este acto for praticado sem ^{que} ~~haja~~ nenhuma modificação dos órgãos sensitivos, teremos o amor propriamente dito, que adquirimos pela intelligencia e a coracção;

porquanto, se a apprehensão pelos sentidos fosse uma condição necessária para se amar, não se amaria nem os santos nem a si mesmo no Céo.

Não obstante isto, o amor que nos vem pelos sentidos, entra como parte integrante do amor natural, mais ainda, do amor conjugal. Porque o amor proveniente da intelligencia e cultivado pela virtude de intellectual, um que avança para sensitiva da mesma parte, não é amor natural, nem es-piritual ou angelica, porém promette tratandose de seres diferentes unidos pelos vinculos de naturalis ratio.

Mas, não obstante isto, o amor produzirá alguma manifestação nos órgãos sensitivos, e porque, como a visão, o amor humano natural, é constituído por duas elementos que correspondem ás duas substancias de que se compõe o homem, e que como uma resultante de duas tendências, se manifesta na existência da personalidade humana.

7.
Capítulo III. Sobre os laços que regem
os phenomenos da vida de amor.

Se não fora o instinto dor,
dor da preservação, quando pro-
curassemos então na posse do obje-
cto amado, como ainda hoje
moeda com o amor inicial, bem
pouco nos preoccupariamos com
a segunda phase do amor natu-
ral. Porque, como seres racionais,
sentiriamos mais attractivos pela
que directivamente, é capaz de im-
pulsionar a intelligencia e o
coração. E se a extirpação da
concupiscencia não se envol-
vesse nos actos do amor inicial,
o prazer que, então, procurariamos
e escurrimos, quando in-
tressamos na posse material
do objecto de nossos esconplacencias,
seria como um echo ou reso-
nancia espiritual destas duas
substancias - alma e corpo, pro-
prias um místico synchronismo
pela posse habitual da graça
santificante e dos charismas
esquematizados, com os quaes, creante
Deus o homem, o exornava.
Porque, antes da culpa original,
o homem amando as creaturas,
não furdia jamais da virtude a Deus;
porquanto, além de não existir
o furo da concupiscencia, Deus
habituava nelle pela sua graça
e as suas dons sobrenaturaes extra-
ordinarios, em virtude das quaes,
elle favorecia a sua presença de
seu a maneira escurrimental
muito que espiritual.

Além disto, a posse integral do objecto amado, ainda nuno nas condições mais favoráveis e desfavoráveis, apresentar-n-ha a semelhança de um misto de alegria e de tristezas; porque, de posse do objecto, entretamos, em nossas almas, um profundo vacuo, que o amor humano, por mais profundo e ardente, não poderá jamais preencher. o.

E sem rida este desconcerto que tem levado muitas almas angelicas, a procurar no amor para com Deus, esse gozo e felicidade que em vão muitas pedem no amor as creaturas. E não sem razão, porque, depois da culpa original, com mais vehemencia do que outra ora, tendemos ao objecto de nossas complacencias, porque, as nossas primeiras paixões não temo esquecer, o movel de nossas affeições, seria o puro amor; hoje, porém, elle não é mais o puro amor, mas é o amor e a dor, substituta com o misto de amor e dor tão glorioso. Hoje, a dor engendrou o amor e o amor, a dor; porque, para quem ama ver verdadeiramente, amor e dor não se approximam. Outra ora, porém, o amor engendrou o gaudio e o gaudio, o amor. Pelo que, quando o homem amasse, seria levado pelo puro amor; porque, então, a dor não existiria, nem poderia existir; porquanto creara Deus ao homem impassivel e immortal. Pelo que, confirmado Pelá no estado em que Deus o creara, remanesceria as alturas sem passar nem pela dor nem pela morte. Hoje, porém, quando amamos as creaturas, porque desviados daquelles dons, por não facilmente de vista a Deus, pois, muito embora elle habite em nós pela graça e as dons do Espirito Santo; se sempre confundimento e consciencia de certo, pela continuidade da fé.

Capitulo IV. Tendencias da vontade.

A vontade pode inclinar-se a um dado objecto, porque o ama ou simplesmente, porque lhe agrada; ou, finalmente, porque tem sympathia para com elle.

Ora, a sympathia, conquanto ex-
prima um pendor mais elevado do que
aquella que experimentamos quando
affirmamos que alguma coisa nos
agrada; todavia, está muito longe
do sentimento do amor propriamente
dito, ainda que possa converter-se
em amor.

E eis aqui a razão porque uma pessoa
pode ter sympathia para com outra
pessoa, sem que, não obstante isto,
se sinta inclinada a amal-a.

Nos casos, porém, em que, uma parte,
tendo como manifestações de affecto,
as retribuições de uma ~~aff~~ simples sym-
pathia, chega a apaixonar-se com
grande furor da outra parte, porque,
com quanto sympathisasse com ella,
não obstante isto, não se sentia incli-
nada a amal-a.

Quando a vontade tende a um objecto
que lhe agrada, ella o faz só pelo prazer
material ou espiritual que experimenta.

Quando, porém, tende por amor, é
porque não só lhe agrada e sente
sympathia para com elle; mas tam-
bém porque a impressio-

na e emociona os pulos sentidos, ac-
pela intelligencia.

Orá, esta tendencia pode ser in-
structiva ou selectiva: No primeiro
caso, o homem opera como qual-
quer animal; mas, no segundo caso,
elle agirá como um ser racional.
E é em consequencia deste modo de
tender, que elle se differencia do
irracional e se assemelha aos anjos.
Portanto, para que haja amor natural,
é necessario que o homem tenda,
não só pela intelligencia; mas
ainda pelos sentidos, tratando-se
principalmente de pessoas de sexos
differentes.

Porque, se o homem amar com
exclusão de uma destas tendencias,
elle poderá amar como anjo ou ani-
mal; porém, jamais como homem.
Em segundo lugar, para que haja
amor propriamente dito, é neces-
sario, que o objecto amado, possa
subsistir; sem o que não poderá
haver effeição; pois, ninguém
dirá, neste caso, que ama, a
não ser em um sentido lato ou
figurado, como succede quando
dizemos que amamos a esca-
la ou o esplendor da aurora.

Por ultimo é preciso termos em
mente, que se amamos ou nos
sentimos inclinados a amar
as creaturas, é porque por um
instincto divino, embora impli-
cito, nos inclinamos de um
modo irresistivel, a amar pri-
mariamente a Deus, visto elle

11.
se revelar á nossa intelligencia
como um ser universal, infinita-
tamente amavel e purissimo.
Assim é que, se não nos assistisse este
sentimento innato, ou não amaria-
mos, ou amariamos como os
seres irracionais.

Capitulo V. Sobre o amor natural.

O homem amando pode ser ou
não affectado em seu physico
pelos objectos que o impressionam.
No primeiro caso, elle amará
como homem e no segundo, ~~como~~
como se fôr um animal.

Ha occasiões, porém, em que
elle chega a amar como se fôr
um animal irracional, levada
pelo amor instinctivo, sem refle-
tir nas conveniências ou descon-
veniências nem do amor espiri-
tual nem do amor natural.

Sabê, as tres especies de affectos:
O angelico, o humano ou natu-
ral e o instinctivo commum com
o que exprimem os seres irra-
cionaes.

Destas tres especies de affectos, só as
duas primeiras, merecem o nome
de amor propriamente fallando.
A ultima, como dissemos, dá-se
tambem o nome de amor, porque,
como as duas primeiras, elle tende
à união, conquanto instinctiva
e natural.

Ora, é isto que, se Adam não te-
vesse succedido, o homem ignoraria
os affectos do amor instinctivo desor-
denado; porque antes da culpa
de origem, o amor instinctivo era
um subdidiario ou famulo do
amor espirital e racional do homem
superior, a quem elle obedecia es-
pontaneamente, sem offuscar, co-

mo hoje, ~~existencia~~ ~~degradação~~, porque,
então, não podia agir absoluta-
mente por conta própria.

Circunstancia esta, a qual removia
toda e qualquer possibilidade
d'elle se negar ás determinações
positivas e negativas do seu senhor
e mestre, para seguir, como hoje,
as suas inclinações, muitas vezes,
contrarias aos ditames da razão.

Capitulo VI.

Transição do amor espiritual para o
amor natural.

Quando do universal se passa para
o particular, pelo que se apprehende
de estheticos e amaveis nas estruturas,
o individuo se capta, ainda mesmo
sem pensar, a deixar-se influen-
ciar pelas attractivos materiais em
si considerados e pelas impressões
que, por ventura, as estruturas podem
exercer sobre os seus sentidos. Estas
tendencias, então, irão associar-se
ou adicionar-se, como partes in-
tegrantes do amor humano ou na-
tural, como o ultimo termo ou
complemento do amor conjugal.
Antes da culpa de origem, sem a
attracção material do sexo pelo
sexo e pelo que elle possui e é
capaz de impressionar os nos-
sos sentidos como hoje; o amor
podia existir e ~~subsistir~~ subsistir,
só pela posse do objecto amado
adquirida pela intelligencia
e o coração, como de facto se
verificava com os nossos primeiros
pais, antes que elles se corrompessem,
e como ainda hoje se verifica

com as pulsões que se amam ^{13.}
por um motivo sobrenatural
— apesar de unidas pelas vincu-
las do matrimónio.

Capítulo VIII.

Transição do amor natural para o
instinctivo.

Assim como, pelo amor que vem pela
intelligencia, semelhante ao das ar-
pis, o homem pode deixar-se levar,
como de facto se deixa levar pelo
que pode haver, em um mesmo
objecto, de immaterial e capaz de
impressionar a sua intelligencia;
assim tambem é possível que, com
o volver dos tempos, e por um pro-
cesso inverso, elle se deixe levar
pelas attractivas materiaes que
esse mesmo objecto encerra em
si e é capaz de impressionar ao
homem animal, e de tal forma
que, pela intensidade sempre
crescente, venha a revelar-se
com os seus irracionaes, procu-
rando entrar na posse desse
objecto, unicamente ou princi-
palmente pelo prazer material
de o possuir.

Esta inversão ou mutilação
do fim primario do matrimónio,
torna-se tão commun em nos-
sos tempos, que logo após alguns
dias de mutua convivencia,
não são raros os casos em que, ain-
da muito aquelles sensitos pelas
vinculas do matrimónio, se guiam
em rumo opposto ao das carões
mão de mãos para se opporem ao
fim principal do matrimonio.
E ahí temos a genesis do amor
instinctivo ou carnal e a coepli-

cação para tantos factos, apparente
inexplicaveis e que tanto depõem
contra a dignidade da mulher e
a profanação do sanctuario da
família.

Capitulo ~~VII~~ ~~IX~~ VIII.

Sobre o amor instinctivo.

O amor instinctivo ou natural
é aquelle vago sentimento que envolve
uma necessidade de amar e de ser
amado; sem que, não obstante isto,
haja um objecto determinado e real,
que solicite o individuo a amar.
É este sentimento que, com o volver
dos tempos, pouco a pouco, irá
se esclarecendo e definindo cada
vez mais, sob formas muito idêneas
e cheias de indefiníveis nuances,
até que enfrentando com o objecto
que parece concretizar o seu ideal,
~~o individuo~~
~~sentir-se~~ ha attrahido por elle
de uma maneira quasi que irre-
sistivel.

É o amor humano ou natural em
sua primeira phase, que, mais
tarde, entrando em sua segunda
phase, resumirá no phisico.
Na primeira phase predomina o
amor ideal, muito embora tenha
sido aprehendido sob as formas
materiaes, a travéz das quaes se
revelam o esthetico e immate-
rial, que no fundo offerecem
a mesma analogia que ha
entre os sentidos, maxime, do
paladar com relação aquellas
qualidades sensíveis, que, ape-
sar de não se comerem nem
se beberem; com tudo servem
para despertar e aquecer o

appetite.
 As almas candidas e ^{innocentes} ~~innocentes~~,
 ao entrarem na puberdade, devem
 estar prevenidas contra as seductas
 destes vagos sentimentos e aspirações
 do amor natural e instinctivo que,
 em ultima analyse, não ^{são} ~~é~~ outra
 causa, senão as precursoras mani-
 festações dos nobres sentimentos da
 procriação, revestidos das fulgurantes
 galas do amor espiritual, que por
 isso mesmo, estabelece uma in-
 coincidência entre o amor ma-
 tural e instinctivo, do ser ratio-
 nal e do irracional.

Antes da eugenia de origem, estas
 manifestações não indicavam
 uma necessidade material, para
 a racional e espiritual, que
 coincidindo com a necessidade
 intuitiva de amar a Deus, quan-
 do o coração do homem se abria,
 como as flores, aos primeiros raios
 do sol ardente do amor às crea-
 turas, seria ~~uma~~ um hymno
 de pureza e innocencia consci-
 entes, entoado ao Criador.

Capítulo XX.

Differença entre o amor instinctivo
 do homem e do animal.

Tanto o animal racional como
 o irracional, attrahidos pelo sexo
 differente, tendem a elle; porém
 de uma maneira inteiramente op-
 posta; porque o animal irracio-
 nal se sente inclinado ao sexo
 differente, de um modo instin-
 ctivo e material em toda a ex-
 tensão da palavra e sem o mi-
 nimo contraincumbente da cavença
 e é por este motivo que affirmam

pois, elle tende ao objecto, que a 16.
attraher, impellido por uma necessidade
que ~~semitica~~ ^é para elle uma lei fatal.
Não acontece assim com o homem,
conquanto deahido do primitivo es-
tado de graça original; porque ainda
nem o que elle possa tender pela
esthetica e o ideal que apprehende
sobre as formas materiaes ou a diff.
função do sexo, elle o faz orientado
pela intelligencia, com liberdade
de acção e direcção, sem que sepa
como o animal irracional, levado
por uma lei fatal e instintiva.

Ha, portanto, entre o instincto do ani-
mal e do racional, uma notavel
differença, conquanto, em parte,
se assemelhem, isto é, com relação
ao fim pelo qual, tanto ao homem
como ao animal, foi-lhes conce-
dido este instincto.

Capitulo IX.

Sobre o amor conjugal.

Não obstante as tuas consequen-
cias que a culpa de origem
acarretou ao amor natural do
homem em relação principal-
mente ao sexo opposto; é possi-
vel, ainda assim, amar-se, sem
que, não obstante isto, o amor
venha a degenerar, convertendo-se
em amor instinctivo ou carnal.

Porque, conquanto se comee a
amar, muitas vezes, pelas qua-
lidades que se descobrem pelos
sentidos, no objecto ao qual ten-
demos, as que elle revela de
immaterial; é possível que, com
o tempo, por um sentimento
natural, se venha a amar tam-
bem a substancia que serve de

de supporte á estas qualidades 17.
imateriaes que tanto nos im-
pugnaram.

Por este motivo Isaac, tocando as ves-
tes de Jacó e sentindo o perfume
agreste que ellas exalavam, e a pel-
lidade das suas mãos, exulta e o
abençoa, suppondo ter presente o
seu querido Jacó.

É o mesmo motivo que aquelles
que se amam, guardam com carinho
e acuram os objectos que pertencem
sejam ás pessoas por elles amadas
ou que foram amadas.

Amor tambem succede com as
pessoas que, com sua apparencia
exterior, despertam ou despertaram
em nossa mente, qualidades im-
materiaes, as quaes nos inclinam
ou inclinaram a amal-as e
preferencia.

E não ha nisto nada de illicito
ou reprovavel, a não ser que se
verba a amar mais a sub-
stancia em si e fulos impres-
sões materiaes que exprimem-
tamos contemplando-as. No
que está precisamente o mal;
porque, neste caso, se abste-
ria do amor humano ou na-
tural, pelo amor instinctivo
ou carnal, refugiando-se a
creatura racional, por este
mesmo facto, as condições dos
seus irracionais.

Capitula X

O amor propriamente fallando não
cogita no sexo.

18

O amor, sob qualquer forma
que o consideremos, não cogita

no sexo pelo sexo, muito embeboado
passa no attribuido pelo sexo, como
de facto é attribuido.

E esta attracção, não se depois da
culpa de origem, começa a
manifestar-se; mas também se
manifestava antes ^{da} dos nossos pri-
meiros pais tivessem pecaricada;
com esta differença, porém, que
a inclinação para com o sexo
appeto, que se manifestava
antes da culpa original, era
uma consequência do amor
espiritual; porquanto havia sido
Deus, o qual, depois de haver crea-
do a primeira mulher a deu
como esposa a Adão.

A inclinação, porém, que o homem
começou a experimentar para com
o sexo appeto, é uma criação
do pecado, e por consequente,
appeto a primitiva; cujo obje-
cto, é o prazer instinctivo e
material semelhante ao dos animais.
Admirável é que, antes da culpa de origem,
era o amor pelo amor; porém, depois
da culpa, a este amor ordenado, veio
associar-se o desejo desordenado, como
uma triste consequência do peccado,
criação dos nossos primeiros pais.

É este amor com o qual se tornam as
almas angelicas, movidas pelo amor
inicial, semelhante ao dos anjos, para
aquelles que já se firmam pelo intelli-
gencia e a corações, o modo trazi-
para muitos, constitua-se em
o seu ideal supremo.

e que alguns preservaram natural - a
pelos vinculos do matrimonio, conser-
vando-se de mutuo accordo e por
motivos sobrenaturaes, fervores e immen-
sidades, e' uma prova evidente de
que se pode amar e se retiver, de-
movido tambem pela primitiva
attracção do sexo, sem se cogitar
na attracção posterior á culpa de
origem.

Assim preservou o filho de Tobias com
relacão a Sara, e foi por este motivo,
que, ao se approximarem mútu-
am as linhas do Co. Torquante
não eram movidos materialmente
pelo sexo; senão espiritualmente e
em cumprimento de um precepto
divino.

Sagui desuzemas, que se o amor
tem por objecto as creaturas, não
como fim; mas como meio
para attingir a um fim particular,
por motivos sobrenaturaes; e' passivel
amar-se sem que se cogite no
sexo pelo sexo; muito embora, em
consequencia da culpa original,
seja experimentada a attracção
engendrada pelo peccado de Adam,
além da primitiva, pura e crima-
culada creada pela graça.

Nos, se não se exclue positivamente
a parte natural, humanamente
passivel, e' impossivel não se ex-
perimentar a attracção posterior á
culpa original, e ainda mais, re-
sister-se á ella sem uma graça
especial de Deus.

Pela educação, o temperamento natural e a ²⁰
purga d'alma e de costumes, passa-se
ha, até este ponto, maxime, durante
a tempo da infância, tendo-se pela intelli-
gencia e o coração, com tanto que

se guardam as conveniências, não só
sociaes; mas principalmente as religiosas,
sobretudo com relação a certas mani-
festações de affecto que, conquanto sejam
em si licitas; produzem, não obstante isto,
em um reflexo na phisico, por causa
da intensidade da affectação, do tempo,
momento de uma das partes ou devida-
mente após a circumstancias impróprias.
Seria a que, resumindo o que até
aqui temos dito, segue-se que a diffi-
culdade de ser, conquanto para in-
fluir, como de facto influencia, sobre o
amor natural; com tudo, não consti-
tue uma condição essencial para
que possa existir o amor natural;
mas sim, para a existência do
amor conjugal.

Capítulo IX Sobre o amor platónico.

Pelo que dissemos no capítulo pre-
cedente, deduzimos que todo e qualquer
affecto, entre pessoas de sexos differentes,
e que aspiram unir-se pelos vinculos
do matrimonio, com o firme propósito
de não usarem de seus direitos, confia-
da exclusivamente na intensidade
e pureza do seu amittivo affecto, re-
representa a muitas purigos e incon-
veniências. Porque a forma pelas sentidas,
dignas de já se proporcionar pela in-
telligencia e o coração; é uma con-
sequencia natural do amor humano
entre pessoas de sexos differentes. Pelo
que, renunciar, neste caso, os direi-
tos que lhes assistem e prejudicar-se
mutuamente ou quando menos a uma
sua parte. E não se que esta ou
uma e outra, sejam exatadas amor-
mas.

Tratando-se, porém, de pessoas que têm aptidão para os actos matrimoniaes, e se casam, não obstante isto, com o fim de se casarem como anjos, um amor natural; devemos classificar-as entre as que nutrem um amor platónico.

Por, tanto, indivíduos que chegam a casar e levam por este amor, não fazem caso de uma vítima de um amor morbido, cujas consequências produzem os fechos, transformando-se, com o tempo, em uma das modalidades da perversão dos mais nobres sentimentos. A não ser que, para esta qual neurose, venha a convencer-se da impossibilidade de permanecer neste estado anormal, e procure nobilitar e santificar o seu affecto, convertendo-o para a propagação e conservação da espécie humana.

Por, si, que por fins muito elevadas e sobrenaturaes e de muito accordo, tem havido pessoas que, apesar de casarem de viverem debaixo de um mesmo tecto, se conservaram como anjos. Mas estes casos são tão raros, que, em geral, só encontramos na vida das Santas. Por, que uma tal resolução, pode ser inspirada pelo amor inicial, principalmente entre pessoas que se amam com um amor não vulgar; o qual, não obstante isto, após a passagem do objecto pela intelligencia e o coração, não se naturalmente aptar pelo matrimonio, no intuito de entrar na posse do mesmo objecto pelos sentidos, a qual constitue um dos elementos do amor entre as pessoas de sexos differentes.

Capitulo X Illusões dos que lançam a felicidade
no matrimonio.

O ideal de felicidade com o qual entram
as pessoas que se amam e que supõem
que a paixão realisar no matrimonio,
não passa senão de uma doce illu-
são, que mais tarde, talvez, venha
a converter-se em uma triste realidade.
É que se dizem aquelles que até ora
afagavam esta espumosa, e que,
hoje, unidas pelas vinculas do matri-
monio, entram no mundo da
realidade.

Esperava desia ser; porque, por
mais puro e cheio de benevolencia que
seja o affecto, dos que optarem pelo
matrimonio com o fim de realisa-
rem o seu ideal de felicidade a mais
perfeita; não podia absolutamente
garantir-lhes esta felicidade tão abor-
jada; porque se em Deus a podemos
conseguir e a procuramos, impli-
citamente, nas creaturas, que sendo,
por sua natureza, insufficientes, por
mais perfectas que o sejam; nunca
podão satisfazer a universalidade
de nossas tendências e aspirações.
O matrimonio, portanto, entre pessoas que se
amam verdadeiramente, não constituir
um fim particular, do qual lança-
mos mão os que já se possuem pela
intelligencia e a coração, tendo
em vista a sua felicidade relativa;
poem nunca a sua felicidade abso-
luta, a qual só podemos encontrar
em Deus, qualquer que seja o estado
que nos resolvamos abraçar.

Ora, para realisarmos este nosso
ideal supremo e sobrenatural no
matrimonio, é necessario que optemos
pelo matrimonio como para um

fim secundario ou meio adequado para
 attingirmos o nosso ideal divino.
 E neste caso, não só antes do matrimonio,
 mas ainda no matrimonio, é necessario
 que se proceda de conformidade com
 os deveres deste estado. Porque do contra-
 rio, se incorreria em um erro ainda
 maior do que o em que incorreriam
 os que escolhessem o estado matimo-
 nial, como meio para realisarem
 os seus sonhos de felicidade a mais
 perfeita, ainda que relativa.

Capitulo Um organo remediable
 Para quem é capaz de viver como anjo,
 por motivos sobrenaturaes, a vida ter-
 nar. se ha para elle uma realidade.
 Porque, além de encarar as causas tal
 qual como ellas são, aviar. se ha
 pelas caminhos mais seguras e acor-
 tadas, não só para remontar as
 alturas celestiaes; mas ainda para
 gozar aqui sobre a terra as privi-
 legias das almas puras. E então
 bem certo que muitas destas almas,
 que se encontram entre os casados, te-
 rão optado por estas sendas, se de ante
 não poderiam conhecer o organo em
 que viviam, pensando que, no amor
 as creaturas, poderiam realizar o su-
 premo ideal de felicidade.

Almas por natureza angelicas, que
 quando na idade das offeições, como
 que se dobladamente, através das
 saponagens da pureza, se transfigu-
 ram, como tantos seraphims, diante
 de tudo aquillo que as embelezava
 e ainda com mais razão ante os attri-
 butivos das creaturas racionais, que
 lhes retribuiam com igual affecto,
 parecia-lhes, então, que aquillo que
 ellas só poderiam encontrar em Deus,
 haviam encontrado nas creaturas.

E eis ali a razão porque desde
 então tenderam com todas as forças
 de suas almas angelicas, na esperança
 de que, pela grossa definição e corre-
 cção,

pleta do objecto de suas ternas e immen-²⁴
culadas complacencias, conseguiram
seu ideal. Porém, bem presto, de posse
do seu ideal, pelo matrimonio,
a crua realidade se manifestou e
foi só, então, que ellas reconheceram
o seu engano; porém, já tarde.
Diante das lacunas que o amor
as criaturas se deixar no coração,
destas victimas, e das difficuldades
para corresponderem ás exigencias
do amor conjugal, ellas, por pro-
longadas horas, unidas e mudas, ge-
muram sob a pressão da dor, sobretudo
quando, após terem conhecido o
seu papel, recebem o diadema
da maternidade.

No fructo, porém, de suas entranhas,
encontram com lenitivo as suas
maguas; porque ha, no amor
materno, alguma coisa que faz
lembrar aquelle primitivo amor com
o qual ellas portavam, quando, amando
as criaturas, estavam persuadidas
que o futuro encontrar.

E é precisamente esta nova phase
da vida do amor conjugal, que
de alguma maneira faz com que
estas almas participem do gaudio
e das inspirações do amor virgi-
nal, quando transportadas pelo
amor as criaturas, o sacrificaram
pelo amor conjugal, na doce e
esperança de poderem realisar
o seu ideal angelico de felicidade.

Alma - se pelos sentidos e alma - se
também pela intelligencia e o coração. Mas
porque se está mais em contacto com os
objectos que podem affectar os sentidos,
prefere-se amar mais pelo que nos re-
velam os sentidos do que pelos conlui-
mentos que nos vêm pela intelligencia.
E se, amando de uma e de outra forma,
podemos optar indifferenteemente, com
exclusão de um destes dois affectos in-
tuitivos; amariamos como se amavam
nosso primeiros pais, antes da culpa de
origem, dando preferencia ao amor que
nos vem pela intelligencia e o coração.
Porque ha em cada um de nós, um senti-
mento que se revela no amor inicial, o
qual nos o diz que deveriamos amar como
os anjos. Porque o amor que adquirimos
pelos sentidos, qnto mais está certo, pronto, na
presente economia, o novo affecto es-
piritual materialisando.

Hoje, porém, tentariamos em vão realisar
este novo ideal que é como um
leão lurginho das diâs paradisíacas
em que o homem exerceia sobre si um
domínio absoluto. Então a frase do obje-
cto amado, não traduzia uma exi-
gencia da carne do peccado, como
hoje; rumo de um peccito, sugge-
rido pela primitiva carne immacu-
lada e abundante por Deus.

Capitulo XIII, Sobre as manifestações affectuosas.

O amor quando de posse do objecto amado pela intelligencia e o coração, deseja e procura o conchejo honesto, pelo goro sensivel que um como que se addiciona ao espiritual; porque é através desta phaze do amor natural bem ordenado, que as fúrias que se amam, reconhecem que amam e são amadas.

É se este conchejo affectuoso, entre fúrias de sexos differentes, como succede na infancia, não necessite outras consueiões, a não ser as que se exprimem nesta quadra da vida, os que se amassem, poriaõ todo o seu ideal de felicidade nestas manifestações de affecto, na impossibilidade de obter o conchejo ou fusão de duas almas.

Infelizmente, como uma consequencia da culpa original, outras sentenças, como o voluer das tempos, hão de se manifestar, como um correlativo inevitavel do amor espiritual e que constitue um dos elementos do amor conjugal.

Pelo que, é necessario que aquelles que já se possuem pela intelligencia e o coração, limitem estas manifestações exteriores, ainda que licitas, quanto a sua duração, extensão e multiplicação sempre crescente, reservando-as para quando, pelo matrimonio, entrarem na fase um do outro pelas sentidas, em virtude primeiramente, de um preceito divino, e não já como aquelles sete maridos de Sara tuncidados antes de a conhecerem.